

## **Quais as relações da Educação Física com os Movimentos Sociais?**

*Paulo Ricardo do Canto Capela<sup>1</sup>*

### **Resumo    Abstract**

Busco, inicialmente, apresentar minha compreensão sobre Educação Física e Movimentos Sociais, visando o entendimento das possíveis relações entre ambos. Posteriormente, compartilho alguns eixos que considero necessários e capazes de legitimar tais relações, de forma superadora ao que está posto hoje.

*Initially, the purpose of this work is to show my understanding of Physical Education and Social Movements, aiming to understand the possible relations between them. Subsequently, the article shares some axes, which I consider being necessary and able to legitimatise such relations, excelling what has currently been presented in the field.*

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Física do DEF/UFSC – Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e Membro do NEPEF – Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física.

Começarei minha exposição problematizando o próprio tema que me foi sugerido para dissertar.

A pergunta/tema leva a uma curiosidade sobre as possíveis relações entre Educação Física e Movimentos Sociais. Na busca de construir um arcabouço de entendimentos que me permita responder a esta curiosidade, iniciarei dizendo que, toda relação, seja ela qual for, exige, como o próprio tema propõe, contatos, pontos de confluência e outros tantos de divergência, antagonismos mútuos. Relações plenas são difíceis e diria até, impossíveis de existir. Quem se relaciona, relaciona-se com algo ou alguém com quem tem afinidades e diferenças. Portanto, torna-se fundamental para um bom e sólido relacionamento, conhecer as partes envolvidas na relação pois, conhecendo-se, dando-se visibilidade aos atores que se pretendem relacionar, torna-se mais fácil construir entendimentos do que será possível trocar, ou não, quando estes relacionarem-se.

Assim, como primeiro passo de minha exposição, buscarei localizar a leitores e leitoras o que compreendo sobre Educação Física

e Movimentos Sociais, para que possam entender de onde vem as possibilidades de relação que pretendo entre ambos.

Do debate sobre o que é Educação Física, de tudo o quanto já foi dito, existe muito mais dúvidas do que certezas. Porém, em meio às dúvidas existem algumas certezas que a meu ver são irrefutáveis, uma delas é de que a Educação Física é um *campo de vivências e ações sociais*

Perceber o “quefazer”<sup>2</sup> da Educação Física como campo de vivência, e também, de ação sobre o contexto social no qual é exercida, aponta para a responsabilidade de seus profissionais de perguntarem-se por qual a intervenção social que pretendem oportunizar como vivência a partir de suas ações. Entendo que é da constatação de que a Educação Física é um campo de ação e vivências sociais e que seus profissionais, portanto, são atores/agentes sociais, que reside a necessidade de perguntar-se pelas possibilidades de relacionar essa área de conhecimento com os movimentos sociais.

Bem, para sabermos de como essa relação vem e pode se

<sup>2</sup> “quefazer” é um palavra utilizada por Paulo Freire para dizer da superação entre teoria e prática nas ações humanas.

estabelecer, torna-se fundamental também perguntarmos-nos o que são movimentos sociais?

Torna-se, porém, condição essencial para conhecer o que são movimentos sociais, localizar o contexto no qual eles surgem.

Ninguém desconhece os termos globalização, mundialização, neoliberalismo, neoimperialismo, pós-modernidade, capitalismo transnacional, extinção dos estados nacionais, etc... Essas são algumas das “novas palavras” das quais as várias áreas de conhecimento científico têm se valido para nomear o atual contexto e conjuntura das sociedades contemporâneas e modernas.

Não é minha pretensão aprofundar os conhecimentos sobre cada um desses novos conceitos emergentes, mas o certo é que, eles surgem para nomear uma conjuntura social vigente. Tal conjuntura vem sendo nomeada por alguns como “horror econômico”<sup>3</sup>, por outros como “horror político”<sup>4</sup>. O nome do que estamos vivendo em escala local e mundial não importa tanto, desde que sejamos capazes de perceber que hoje, o mercado e o sistema financeiro mundial, pretendem, de

forma hegemônica, ditar as condutas tanto para os estados nacionais quanto para o equacionamento dos falsos desejos e interesses da sociedade civil e das instituições sociais organizadas.

A consequência disso, é que há muito poucos incluídos, em detrimento de muitos excluídos e, como consequência, misérias de todos os tipos: material, cultural, de relacionamento humano, etc...

Algumas das consequências mais perceptíveis desse processo capitalista em curso, são apontadas pelos estudiosos do tema como: a homogeneização cultural; fruto das pressões pelo consumo e pela cultura de massa; a fragmentação cada vez maior da vida quotidiana, via a apologia do aqui e agora, da diferenciação e da individualização que leva ao individualismo; reações fundamentalistas diante da homogeneização, fundamentalismos religiosos, étnicos, políticos; hibridação cultural e identitária, ou sincretismo, simbiose, transculturação, advinda dos processos de globalização cultural, movimentos de fundamentalismos radicais.

É para dar respostas as propostas globalizantes e injustas

<sup>3</sup> FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.

<sup>4</sup> GENEREUX, Jacques. *O horror político*. São Paulo: Bertran do Brasil, 1999.

advindas no neoliberalismo descrito até aqui, que surgem os movimentos sociais os quais, inscrevem-se no quadro das sociedades modernas, em fase de globalização, como sujeitos coletivos que expõem sua indignação frente ao cenário neoliberal.

Os movimentos sociais apresentam-se como porta-vozes de históricas reivindicações sociais das maiorias oprimidas, nesse momento de crise generalizada das estruturas formais – partidos, sindicatos, estado de bem estar social – de defesa dos direitos desses trabalhadores.

Os movimentos sociais são formas de ações coletivas reativas aos contextos históricos-sociais nos quais estão inseridos.

Essas reações podem ocorrer sob a forma de:

- denúncias, protestos, explicitação de conflitos, oposição organizada;
  - cooperação, parcerias para resolução de problemas sociais, ação de solidariedade;
  - construção de uma utopia de transformação, com a criação de projetos alternativos e de propostas de mudança.
- Portanto, os movimentos sociais incluem sempre oposição ao status quo e orientam-se para a construção de identidades sociais rumo a uma sociedade melhor.
- Sendo assim, os movimentos sociais caracterizam-se como atores sociais que encaminham um amplo conjunto de práticas sócio-político-culturais que visam a realização de um projeto de mudança (social, sistêmica ou civilizatória).
- Tendo explicitado para responder ao questionamento que me foi sugerido:
- um entendimento de Educação Física, como campo de vivência e ação social e, seus profissionais como atores sociais;
  - movimentos sociais, como organização contestatória, solidarista e propositiva, agindo em oposição ao status quo vigente;
  - não desconsiderando a atual conjuntura de globalização cultural em curso advinda da re-adequação do ideário capitalista, cabe então, nesse momento, analisar as relações entre Educação Física e movimentos sociais, bem como a forma como vem se dando essas relações e o que é possível

estabelecer para que haja outra qualidade para esse relacionamento?

Aos questionamentos acima feitos, até onde percebo, a Educação Física e seus profissionais têm importado-se muito pouco com as possibilidades de construção de relações com os movimentos sociais ou seus princípios éticos temáticos.

Uma grande parte de seus profissionais, das universidades, passando pelos mais variados campos profissionais de atuação não formal e chegando até a escola pública, muito poucos enxergam-se, nesses locais de atuação, como atores sociais capazes de perceberem-se como influenciadores de processos de mudança, ao desempenharem o que é próprio de seus afazeres profissionais, educar o e pelo movimento humano.

Da totalidade dos profissionais de Educação Física:

- a grande maioria não tem consciência para perceber-se como agente **social de mudança** e assim, manter relações estreitas com os movimentos sociais, relações tanto de solidariedade a suas causas, quanto de contribuição através de trabalhos desses/nesses movimentos, com o que

é próprio de seu fazer profissional: produzir conhecimento, ações e vivências sobre a cultura corporal/de movimento, sobre e para os dos integrantes desses movimentos;

- uma segunda parcela, ainda também bastante grande, percebe-se como ator social sim, e optam conscientemente em ser **ator social da permanência** ou seja, trabalham conscientemente para a permanências do projeto neoliberal capitalista. Esses não podem e até rechaçam, tanto colegas quanto a possibilidade de aproximar o que fazem profissionalmente das causas dos movimentos sociais, faltando-lhes o desejo consciente de assim procederem;
- por fim, identifico uma terceira parcela de profissionais, ainda bastante pequena frente o quadro tão grande de miséria do povo brasileiro, que são os profissionais de Educação Física que conscientemente optaram em ser **atores sociais da mudança**, esses optam em trabalhar na perspectiva dos movimentos sociais.

Ainda, no que diz respeito às relações que vêm sendo estabelecidas pelos **profissionais de**

**Educação Física da mudança** com os movimentos sociais, gostaria de falar um pouco sobre a falta de experiências e “tato” deles, quando estabelecem essa relação. Não raras vezes, constroem “avenidas” muito estreitas para esses relacionamentos, conseqüência da falta de uma maior densidade teórico reflexiva que aponte metodologias próprias para essa relação.

As conseqüências dessa falta de uma política cultural de relacionar-se com os movimentos sociais, que têm uma dinâmica própria de movimentarem-se, acaba por muito emperrar as possíveis e desejáveis vias de interlocução entre ambos e, não raras vezes, o que acaba ocorrendo de fato, são tentativas de submeter nessas relações, os movimentos sociais à burocracia do fazer acadêmico “científico” formal da área da Educação Física, transformando esse relacionamento em invasão cultural<sup>5</sup> ou diálogo autoritário ou “bancário”<sup>6</sup> com esses

movimentos, como diria Paulo Freire.

Buscando também refletir sobre outras possibilidades de relacionamento da Educação Física com movimentos sociais, gostaria de compartilhar com os demais colegas da área, alguns eixos que percebo como sendo necessários e capazes de legitimar essa relação, de forma superadora ao que é feito hoje:

- que os professores de Educação Física perguntem-se cada vez mais pelo papel social que representam, enquanto atores sociais que são, tanto da mudança, quanto da permanência;
- é necessário gestar-se espaços e condições para a construção de políticas culturais para o trato da **cultura popular e de movimento**<sup>7</sup> entre os profissionais da área da Educação Física, já nos bancos universitários, por dentro dos próprios currículos de

<sup>5</sup> **Invasão Cultural** é uma forma autoritária de relacionar-se em um processo de mediação de conhecimentos. É o processo de ignorar os saberes em relação, buscando colonizar com seus saberes a absoluta ignorância que percebe como sendo a da outra parte com a qual estabelece relação.

<sup>6</sup> **“Bancária”** é como Paulo Freire refere-se ao processo educacional no qual o professor “deposita” o seu conhecimento nos educandos que são vistos como “bancos”, “potes vazios”, a serem preenchidos haja vista, tudo ignorarem.

<sup>7</sup> **Cultura Popular e de Movimento** é um conceito que venho buscando construir, próximo e com as parcelas excluídas de brasileiros, para dizer, tanto da necessidade de politizarmos os conhecimentos historicamente construídos pela Educação Física na ótica das classes populares, quanto para tomar o “se movimentar” dessas populações, como tema de estudo, valorização, enfim, ... pesquisa e produção de conhecimentos para a Educação Física.

formação desses profissionais sendo que, essa atitude não deve ser pensada só para a formação inicial desses profissionais, mas também perpassar todas as reflexões de sua formação continuada, que terá de ser feita e refeita vida a fora;

Concluindo, reafirmaria a idéia de que não é obrigatoriamente, só quando estou trabalhando diretamente com movimentos sociais ou em uma favela, que estou relacionando-me com os movimentos sociais.

O processo de mudança dos quais esses movimentos são porta voz, transcende a este entendimento apenas. Posso, por exemplo, trabalhar em programas de treinamento de equipes de alto-rendimento e estar mais próximo, mais relacionado com os movimentos sociais do que alguém que milita “voluntaristamente”<sup>8</sup> muito próximo, do MST.

Já estarei em sintonia e me relacionando com os movimentos sociais se: mesmo estando em

campo de atuação profissional como o do treinamento desportivo, ali mesmo, me perceber como um educador e ao invés de perguntar apenas pelas razões técnicas do que faço, ou seja pelo “quando, como, e porquê”, também perguntar-me pelo “a favor de quem e do que”, portanto, “contra o quem e contra o que”, faço minha prática profissional.

Dito de outra forma, responder a estas duas perguntas complementares que devem ser feitas por quem se propõe a ser professor de **Educação Física da transformação** ou, **em vias de tornar-se um profissional da mudança**: leva-nos a perceber que posso: ou estar sendo um profissional de Educação Física que atua, fazendo de meu trabalho, por exemplo no alto rendimento, a favor dos donos do espetáculo esportivo, ou a favor dos trabalhadores do espetáculo esportivo.

Se minha **opção político educacional** for pelos trabalhadores do espetáculo esportivo e isso não

<sup>8</sup> **Voluntarista** aqui é empregado no sentido daquelas pessoas que trabalham muito, mas trabalham sem refletir sobre o que fazem. A sensação que se tem, quando nos percebemos como voluntaristas, é a de que, fazemos, fazemos, ... fazemos, e, olhamos para trás e não fica nada. Falta-nos a reflexão qualificada sobre o que fazemos. O melhor exemplo do que falo, é a vida daqueles trabalhadores explorados que trabalham duro diariamente das 8:00 horas da manhã às 18:00 horas, e nunca terão nada na vida além de um salário mínimo e, mesmo assim, vida a fora, jamais param para perguntarem-se pelas causas e os causadores de tamanha injustiça. São voluntaristas, apesar de trabalharem muito trabalho, porém errados!

apenas no âmbito discursivo, mas transformando meu quefazer profissional no cotidiano de minha prática em um campo de vivência e ação social de rigorosidade científica sim e, de forma coerente com minha opção: estarei também, mesmo que perceptivelmente, afastado, aos olhos mais desavisados, muito próximo e estabelecendo relações muito consistentes com o ideário de mudanças do status quo vigente e, assim, muito próximo do “semover” dos movimentos sociais. Haja vista ser a contraposição ao status quo capitalista injusto à vida do povo trabalhador, o eixo motor central de luta dos movimentos sociais.

Se assim procedermos em todos os campos de atuação profissional onde estejamos exercendo nosso fazer profissional, estaremos construindo redes de solidariedade para a gestação de uma outra sociedade, tal qual desejam todos os famintos de tudo quanto o que lhes falta no mundo: tal qual fazem quotidianamente os agentes dessa linda utopia que resplandece e nos faz ver melhor o horizonte. Essa linda utopia que torna-se visível em todos os que constroem os movimentos sociais, que insurgem-se a nos mostrar legítimas lutas e compromissos no mundo.

Para os que optam em trabalhar diretamente com os movimentos sociais, diria-lhes, também, que inscrever-se como agente social para esta relação social responsável, significa garantir campos de vivências e ação social afim com as expectativas de mudança e com o ritmo próprio de mover-se dos movimentos sociais. Isso requer uma grande capacidade de reinventarmos as fronteiras entre o institucional do discurso “científico”, sistêmico e burocratizado, do qual muitas vezes nos colocamos, para podermos, aí sim, construir novos espaços, tempos e ritmos para essa relação estabelecer-se, enquanto um caminho de mão dupla e assim, como elo da grande rede de solidariedade que o atual momento está a exigir. Se quisermos nos inscrever entre os que acreditam ser possível a construção da solidariedade comprometida e das idéias de cidadania e solidariedade planetária, enquanto projeto que se contrapõe a triste e injusta globalização protagonizada pelo neoliberalismo/capitalismo financeiro e agentes que o operam.



## Bibliografia

CALDART, Roseli Salete. *Educação em movimento: formação de educadores e educadoras do MST*. Vozes: Petrópolis, RJ, 1997.

CORAGGIO, José Luiz. *Desenvolvimento humano e educação: o papel das ONGs Latino Americanas na iniciativa da educação para todos*. Cortez: São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996 (Coleção Prospectiva).

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. UNESP: São Paulo, 1997.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 4. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1979.

GENEREUX, Jacques. *O horror político*. Bertran do Brasil: São Paulo, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). *Educação física/ciências do esporte/ intervenção e conhecimento*. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: Florianópolis, 1979.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. Hucitec: São Paulo, 1999.

VARES, Luiz Pilla. *Por uma política cultural democrática*. In. CANDIDO, Celso e SCHCLER, Fernando Luiz. *Política cultural, textos, entrevistas e depoimentos*

